**QUANDO A ORALIDADE ENCANTA: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INCENTIVO NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA**

Franciele Thomé¹
Carlete Maria Thomé²
Deise Josene Stein³
Jair Turcatto⁴[[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

Este artigo se originalizou através de um recorte feito da monografia, do trabalho de conclusão de curso. Optou-se na temática da contação de histórias a fim de incentivar a fantasia, o faz de conta e, assim, perceber e analisar de que forma a contação de histórias favorece no desenvolvimento da leitura e da escrita dos estudantes, pois a literatura tem o poder de construir um elo lúdico entre o mundo da imaginação e o mundo da escrita. Para este artigo, utilizou-se do estudo bibliográfico. Através da prática da contação de histórias, é possível ampliar o mundo literário do ouvinte, incentivando-o ao gosto pela leitura, bem como, o desenvolvimento da escrita, oferecendo-lhe novas descobertas. Para fundamentar esse trabalho, utilizou-se de diversas obras e diversos autores que abordam sobre o tema, podendo destacar Bettelheim (2012), Coelho (2010), Bedran (2012), Busatto (2012), Cavalcanti (2002) e Cademartori (2010) como peças fundamentais para esta pesquisa.

**Palavras chave:** literatura; literatura infantil; contação de histórias.

**ABSTRACT**

This article was originalized through a cut made from the monograph, the work of graduation. We opted for the theme of storytelling in order to encourage fantasy, make it pretend and thus understand and analyze how storytelling favors the development of reading and writing students, because literature has the power to build a playful link between the world of imagination and the world of writing. For this article, we used the bibliographic study. Through the practice of storytelling, it is possible to broaden the listener's literary world, encouraging them to enjoy reading as well as the development of writing, offering them new discoveries. To substantiate this work, we used several works and several authors that address the theme, including Bettelheim (2012), Coelho (2010), Bedran (2012), Busatto (2012), Cavalcanti (2002) and Cademartori (2010) as key to this research.

**Keywords:** literature; children's literature; Narrative.

**INTRODUÇÃO**

 Vivemos na era digital. Assim, é possível perceber que as crianças, cada vez mais cedo, estão fazendo uso de tecnologias e afastando-se dos livros, das histórias e do poder de imaginar. Essas questões se tornam um desafio para os educadores estimularem o gosto pela leitura e consequentemente da escrita das crianças.
 Através da prática da contação de histórias, é possível ampliar o mundo literário do ouvinte, incentivando-o ao gosto pela leitura, bem como, o desenvolvimento da escrita, oferecendo-lhe novas descobertas, ampliando o desenvolvimento pessoal e o auxiliando na compreensão de si próprio e do mundo.
 Assim, este artigo está organizado em sessões nas quais buscou-se compreender um pouco da história sobre as histórias, conceituar literatura, literatura infantil e contos de fadas. Buscou-se também perceber as questões emocionais estimuladas a partir dos contos de fadas.

#  1 UM POUCO DA HISTÓRIA SOBRE AS HISTÓRIAS

 Partindo do dicionário da Língua Portuguesa Michaelis (2008), a palavra história significa a narração ordenada, escrita dos fatos e de acontecimentos ocorridos no passado: História antiga, história medieval e moderna. Pode ser caracterizada como um conjunto de obras. Exposição de fatos, sucessos ou particularidades relativos a determinado assunto digno da atenção pública. Narrativa, conto, aventura, trama e enredo.

A literatura é uma forma de contar uma história, pois segundo Bettelheim (2012), ela registra, expressa e aponta a historicidade. Para ele, a literatura é uma forma de ler e interpretar o mundo.
 Hunt (2010) explana que a literatura traz o leitor para um encontro com a língua nas formas mais complexas e variadas. A literatura é um termo persuasivo e “quando comparada a outros textos, considera-se a literatura “mais elevada”, “mais densa”, “mais carregada”, “especial”, “à parte” e assim por diante. Considera-se, também, que ela seja o “melhor” que uma cultura pode oferecer” (p.83). Seguindo ainda as ideias do autor, a literatura é aquilo que escolhemos fazer com ela.

# **1.1 O que é literatura?**

A palavra literatura, de acordo com o dicionário da Língua Portuguesa Michaelis (2008), significa a arte de compor escritos, em prosa ou em verso. Visto como um conjunto de obras literárias de um determinado assunto: Literatura infantil, literatura científica, literatura de cordel. “Foi só a partir dos meados do século XVIII que a palavra *literatura* foi tendo atenuado seu significado de atividade intelectual superior mas generalizada” (LAJOLO, 1896, p.30).

 Para Coelho (2000, p.28) “a criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa e essencial, quanto a própria condição humana”. Desde as origens a literatura está ligada a função essencial, que é:

*Atuar sobre as mentes*, nas quais se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a literatura (ou com a arte em geral), os homens têm a oportunidade de ampliar, *transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida*, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade (COELHO, 2000, p.29).

 Para Marisa Lajolo (1986, p.29) literatura deriva do latim, que significa arte de escrever, a ciência das belas letras. Bem como a autora destaca “a forma latina *literatura* nasce de outra palavra igualmente latina: *littera,* que significa letra, isto é, sinal gráfico que representa, por escrito, os sons da linguagem”. A autora ainda traz a seguinte reflexão:

Será que é errado dizer que literatura é aquilo que cada um considera literatura? Por que não incluir num conceito amplo e aberto da literatura as linhas que cada um rabisca em momentos especiais? Ou aquele conto que alguém escreveu e está guardado na gaveta? (...) (1986, p.12).

 Seguindo as ideias de Lajolo (1986) tudo é, não é e pode ser que seja literatura. Dependendo muito do ponto de vista, do sentido que a palavra tem para cada um e da situação em que se discute o que é literatura. Porém, “obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia” (LAJOLO, 1896, p.16). Mas afinal, o que é Literatura?

É uma pergunta que tem várias respostas. E não se trata de respostas que, paulatinamente, vão-se aproximando cada vez mais de uma grande verdade, da verdade-verdadeira. Não é nada disso. Não existe *uma* resposta correta, porque cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição para literatura (LAJOLO, 1986, p.25).

A autora Lajolo também se refere à literatura como linguagem. Visto que o homem faz uso da linguagem e as palavras se tecem em forma de intensificar ou atenuar o relacionamento do homem com o mundo das coisas. O homem “constantemente se faz recordar que os nomes não são coisas. Mas, no mesmo movimento, percebe que as coisas só existem para ele, homem, quando incorporadas à sua linguagem” (LAJOLO, 1896, p. 35-36). Visando assim que é a partir desta linguagem que surge a literatura, pois

A literatura leva ao extremo a ambiguidade da linguagem: ao mesmo tempo em que cola o homem às coisas, diminuindo o espaço entre o nome e o objeto nomeado, a literatura dá a medida do artificial e do provisório da relação [...] É, pois, esta linguagem instauradora de realidades e fundante de sentidos a linguagem de que se tece a literatura (LAJOLO, 1986, p.37).

 Para Lajolo (1986) a literatura é a porta para um mundo autônomo que não acaba com a última página de um livro ou na última fala da representação. Ela permanece como vivência no percurso de leitura de cada um. Sendo que “daí o engano de quem acha que o caráter humanizante e formador da literatura vem da natureza ou quantidade de informações que ela propicia ao leitor” (p.43), pois seguindo as ideias da autora, a literatura não transmite nada, ela cria.

# **1.2 O que é literatura infantil?**

Segundo Meireles (1979, p.78), literatura infantil é o que se “refere às obras especialmente escritas para a infância”, sendo que

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (COELHO, 2000, p. 27).

A literatura infantil não possui o intuito somente de “entreter a criança, ou de transmitir noções morais” (MEIRELES, 1979, p.78), mas também, busca “transmitir, de maneira suave, os conhecimentos necessários às várias idades” (MEIRELES, 1979, p.78). Para Coelho, a expressão literatura infantil “em essência, sua natureza é a mesma da que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança”. (2000, p.29). Já para Cademartori (2010, p.13)

Historicamente, a literatura infantil é um gênero situado em dois sistemas. No sistema literário, é a espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores, que cabe à escola assumir e realizar.

 A literatura representa para as crianças e adultos, um mundo mágico e de fantasia, sendo a comunicação real para o mundo imaginário. Partindo dessa ideia, pode-se compreender que a imaginação e a fantasia são estimuladas a partir da literatura e assim, Bettelheim (2012, p.224) relata que o encantamento tem

[...] essa capacidade de fantasiar herdeira da infância, é a via rege de acesso à arte, tanto no ato de produzi-la, quanto de consumi-la. Na literatura, nas imagens, assim como no cinema que as combina tão bem, enfim, em todas as formas da arte, esse domínio mágico sobre o mundo encontra possibilidade de persistir em nossas vidas.

 Pode-se definir então, que a literatura infantil é arte e, sabendo de sua importância, percebe-se que a literatura é uma atividade na qual o ser está inteiramente ligado, pois através da leitura desenvolve maior capacidade de formação tanto pessoal quanto intelectual. Sendo que “os primórdios da literatura infantil são marcados pela intenção de formar a criança, de ensinar comportamentos e atitudes e de sedimentar uma ideologia” (AGUIAR, 2001, p.24).

De acordo com Coelho (2000), a literatura infantil surgiu em meados do século XVII com Fénelon (1651 - 1715) justamente com a função de educar moralmente as crianças, que a partir dessa época não eram mais vistas como “adultos em miniatura”. “Nos começos da literatura infantil estava a Pedagogia e que, ainda hoje, muitas vezes, pedagogia e literatura infantil vão de mãos dadas” (GÓES, 1984, p.49). As histórias se estruturavam a fim de demonstrar o bem e desprezar o mal. Sabe-se que

[...] a história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta (CUNHA, 1991, p.22).

As histórias são uma maneira que a humanidade encontrou para expressar experiências que, nas narrativas realistas, não acontecem. “O impulso de *contar estórias*[[2]](#footnote-2)deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros certa experiência sua, que poderia ter significado para todos” (COELHO, 2010, p.7). A contação de histórias surgiu muito antes dos livros de literatura, pois

Desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre entremeada de sons guturais até a elaboração da linguagem. Contando sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como um recurso vital e fundamental. Sem ela a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seria possível (BEDRAN, 2012, p.25).

 Inegavelmente a contação de histórias é uma ferramenta de fazer arte em que as pessoas vivem o momento, se envolvem, sentem prazer em ouvir e como “consequência”, de ler. “A prática da arte de cantar e contar histórias gera uma significativa quantidade de processos criativos entre adultos e crianças.” (BEDRAN, 2012, p.27). Antigamente essa contação de histórias era vista como uma narração oral de algum acontecimento. Dessa forma Bedran (2012, p.44) relata que

O surgimento da figura do contador de histórias que serve de entretenimento em eventos de arte e cultura e ao fomento à prática de leitura e às dinamizações de bibliotecas é um fenômeno recente, da década de 1980 para cá. Fenômeno este que gerou o neologismo ‘contação de histórias’ para designar narração oral.

 Partindo dessas premissas, é visto que “os contadores estavam por toda a parte. Eram simples camponeses, lavadeiras, amas, pescadores...” (BUSATTO, 2012, p.24). O autor também descreve sobre o início do registro dos contos, pois

Sabemos que o conto de literatura oral se perpetuou na História da humanidade através da voz dos contadores de histórias, até o dia em que antrólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias (2012, p.20).

 Assim, os contos de fadas surgiram na França no final do século XVII com o francês Charles Perrault que editou as narrativas contadas pelos camponeses, contendo passagens obscenas. “A literatura oral sofreu alterações, como acréscimo de informações relativas à época e aos valores da comunidade onde era narrada, à omissão de detalhes para que aquele narrador eram insignificantes” (BUSATTO, 2012, p.22), visto que ao contar um conto, o contador de história podia “sempre incluir elementos muito pessoais ao conto, e com isso o transformava em matéria viva adaptada às necessidades dos seus ouvintes” (BUSATTO, 2012, p.22). Já os contos em formato de escrita não poderiam ser modificados e adaptados de acordo com os seus leitores.

 Mas, o que são os contos de fadas?

 Os contos de fadas remetem a pensar em fantasia, “não precisam ter fadas, mas devem conter algum elemento extraordinário, surpreendente, encantador” (CORSO; CORSO, 2006, p.27).

 Segundo Goés (1984), os contos de fadas “nasceram na alma do povo. São a representação, como se vê pela própria etimologia da palavra “fada” – Fatum – o fado -, portanto, Destino do homem” (p.67). “Contar vem do latim *computare*, que evoluiu para *comptare*, cujo vocabulário francês é *compter*” (p.66). Ou seja, “Contar é o cômputo dos fatos ou conto de fatos” (p.66).

 Em 1697, segundo Coelho (2010), juntando as histórias que o povo contava, Charles Perrault (1628 – 1703) trouxe ao público “Histórias ou contos do tempo passado, com moralidades: Contos de Mãe Gansa”, podendo citar algumas histórias como: “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida do Bosque”, “A Gata Borralheira”, “O gato de botas”, “O Pequeno Polegar”, entre outros. Cuja a autoria desse livro, segundo Busatto (2012) atribuiu ao seu filho, então com 10 anos de idade.

 Acredita-se que, antes do cunho pedagógico, a leitura era voltada à mente adulta. Depois, as histórias tiveram adaptações dos autores Hans Cristian Andersen (1805 – 1875) “legítimo representante do ideário romântico-cristão” (COELHO, 2000, p.95) o qual transmite através de seus escritos “emoções do coração” (COELHO, 2010, p. 159) e também dos alemães Irmãos Grimm, Jacob (1785 – 1863) e William (1786 – 1859) que “fazem parte do maravilhoso: a solução dos problemas, a satisfação de desejos ou difíceis conquistas se darem subitamente, de maneira instantânea, por ‘passe de mágica’” (COELHO, 2010, p.153).

 Entre esses escritores, Goés (1984) destaca alguns escritores na Inglaterra como: Lewis Carroll com Alice no País das Maravilhas (1865) e na França, Júlio Verne (1828-1905) entre tantos outros. “O século XVII foi pródigo para a literatura infantil, crescendo no século XVIII, e o XIX seria o da afirmação da literatura infantil” (GÓES, 1984, p.58).

 Segundo Busatto (2012) os Irmãos Grimm publicaram os contos colhidos da boca do povo, “principalmente de uma camponesa chamada Katherina Wieckmann. A maior parte dos contos que fazem parte do livro da dupla, *Contos para crianças e para o lar*, foram contados por ela” (p.24). Entrando no assunto sobre livros, a autora Góes (1984, p.58) traz à tona que “o primeiro livro infantil a data de 1744, Inglaterra, onde aparece o primeiro livro ilustrado para crianças da autoria de John Newberry”.

 Coelho também relata sobre os autores de Fábulas, o autor mais antigo seria La Fontaine (1621 – 1692) e o mais recente, o brasileiro Monteiro Lobato (1882 – 1948). De acordo com Góes (1984) não se pode esquecer de citar um dos mais renomados nomes quando se pensa em literatura infantil, o consagrado Walt Disney (1901-1966) que transformou as histórias dos livros de contos de fadas em filmes famosos.

 Segundo Cunha (1987, p.20) “no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”. Cunha (1991) relata que a literatura infantil no Brasil teve início com Monteiro Lobato. Cademartori aponta que

A literatura infantil brasileira inicia sob a égide de um dos nossos mais destacados intelectuais: Monteiro Lobato. Se isso, por um lado, prestigiou o gênero no seu surgimento, por outro, fez com que, após Lobato, por muito tempo, a literatura infantil brasileira vivesse à sombra de seu nome (1987, p. 43).

 Visto que, Lobato se preocupou com seu leitor e criou obras mais atrativas à faixa etária infantil, as obras visam proporcionar aprendizados mais significativos, quanto a sua realidade. Segundo Cademartori

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista (2010, p.54).

Cademartori (2010) ainda explana que

No Brasil, a literatura infantil conta com títulos de autoria de alguns se seus mais brilhantes escritores, como Henriqueta Lisboa, Raquel de Queiroz, Mario Quintana, Érico Veríssimo, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Clarice Lispector e outros escritores referencias de nossa literatura (p.15).

Outra autora brasileira é Ruth Rocha (1931), com obras como: “O que os olhos não vêem”. Também é necessário destacar Ziraldo (1932) com suas obras muito conhecidas, como: “O menino Maluquinho” e a coleção “Bichin”. Percebe-se que a literatura infantil brasileira enriquece a cultura e os seus autores tornam-na mais maravilhosa, encantando pequenos e velhos leitores. “Pois, a literatura infantil é a literatura que procura despertar na criança emoção e prazer pelo interesse do narrado: oral ou por escrito” (GÓES, 1894, p.56).

 Analisando assim que a literatura, em especial a infantil, está em busca de despertar novos leitores, para isso é necessário encantar a criança e isso o conto consegue fazer muito bem. “A literatura infantil digna do nome estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos” (CADEMARTORI, 2010, p.17). A partir da leitura, é possível viajar no mundo da imaginação, conhecer a sociedade, visando isso como um estímulo, sendo importante ressaltar que o interesse pela leitura é o ponto inicial para a formação de um leitor.

# 2 A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

 Compreende-se a importância da fantasia quando a criança consegue aprender com ela, pois para Bettelheim (2012, p.79) “os contos de fadas tanto encantam como instruem”, de alguma maneira, com alguma história ou conto, a criança pode conseguir identificar a sua realidade e conseguir reconhecer seus problemas. Neste sentido Bettelheim (2012, p.89) destaca que a criança

[...] começa a fantasiar a partir de algum segmento de realidade mais ou menos corretamente observado, que pode evocar nela necessidades ou angustias tão fortes que a acabam arrebatando. As coisas com frequência se tornam tão misturadas em sua mente que ela não é absolutamente capaz de classifica-la. Mas alguma ordenação é necessária para que a criança não volte à realidade enfraquecida ou derrotada, mas sim fortificada por essa excursão em suas fantasias.

 A partir disso, pode-se perceber que a fantasia é um lugar de refúgio para a criança dentro de sua própria imaginação e “o conto de fadas não deixa dúvidas na mente da criança de que se deve suportar a dor e assumir os riscos, pois é necessário adquirir identidade própria e, apesar de todas as angústias, não há dúvidas quanto ao final feliz” (BETTELHEIM, 2012, p.116).
 É muito importante para a criança, dar sentido e nome aos seus sentimentos, por isso ela precisa de ajuda para saber como colocar em ordem e lidar com eles. Esse tipo de ajuda, a mesma pode encontrar através de contato com os contos de fadas, pois quando a imaginação da criança é trabalhada, possibilita uma viagem para um mundo desconhecido, mas ao mesmo tempo aconchegante. Muitas vezes, a criança se encanta com um conto por se identificar com a história que ele transmite, sendo esse parecido com a sua realidade ou podendo então ser uma forma de mostrar como resolver seus problemas,

[...] o conto de fadas procede de um modo conforme àquele segundo o qual uma criança pensa e experimenta o mundo; é por isso que ele é tão convincente para ela. A criança pode obter um conforto muito maior de um conto de fadas do que um esforço para confortá-la baseado em raciocínios e pontos de vista adultos. Uma criança confia no que o conto de fadas diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua. (BETTELHEIM, 2012, p.67).

Como algumas crianças ainda não conseguem diferenciar o real e o imaginário, todas as linguagens interessam-lhe para desenvolver seu imaginário, fazendo com que consigam misturar suas necessidades nos seus mundos de desejos, entrando em novas dimensões. Assim, pode-se ver que os contos de fadas preparam a criança para

[...] obter uma compreensão pré-consciente de assuntos que a perturbariam muito se fossem impostos à sua atenção consciente. Mas essas ideias, encrustradas em sua mente pré-consciente ou inconsciente, se tornam disponíveis quando a ocasião está madura para que a criança elabore sua compreensão a partir delas. Uma vez que tudo é expresso em linguagem simbólica nos contos de fadas, a criança pode desconsiderar aquilo para o qual não está preparada e responder apenas aquilo que lhe foi dito na superfície. Mas ela já se torna capacitada a remover, camada por camada, parte do significado oculto por trás do símbolo à medida que se torna gradualmente pronta e apta a dominá-lo e a se beneficiar dele. (BETTELHEIM, 2012, p. 377 – 378).

 Cademartori cita que “as ações narradas referem-se a uma situação que não é vista e que só é concebida no imaginário”. (2006, p.73). No momento que a criança possui o contato com o livro, também passa a contar histórias inventadas ou vivências que já possui, utilizando a fantasia, a imaginação e a criatividade. “As crianças contam as histórias que ouvem ou leem, trazem para os seus textos questões literárias, sociais e humanas que vivem, no ambiente familiar ou escolar” (CARVALHO, 2011, p.133).

 Visto assim, contar histórias permite uma experiência de interação e estabelece uma aproximação dos sujeitos envolvidos. “É importante que a postura do narrador ou contador de histórias esteja o mais concentrada possível na própria matéria narrativa, para que faça chover na imaginação do ouvinte as imagens que as palavras contêm” (BEDRAN, 2012, p.91).

 Contar e ouvir histórias são possibilidades de aprendizagem e de aquisição de novos conhecimentos, “a história é importante alimento da imaginação. Permite auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança” (COELHO, 2004, p.12). A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode contribuir com a prática docente visto que

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem – “se ficarem quietos, conto uma história”, “se isso”, “se aquilo...”- quando o inverso é que funciona. A história aquieta, serena, prede a atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência do contador de histórias. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas das crianças. Se elas as escutam desde pequeninas, provavelmente gostarão de livros, vindo a descobrir que neles histórias como aquelas que lhes eram contadas (COELHO, 2004, p.12).

 Sendo assim, contar histórias é fundamental, pois transmite valores e é decisiva na formação e desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. “O que acontece dentro de nós durante uma escuta narrativa nos é dado pelo texto tornado fala significativa pelo contador, este capaz de expressar, pôr para fora, aquilo que estava no interior” (BUSATTO, 2007, p.75). Sendo que, necessita-se

Olhar um conto sobre várias perspectivas, lançar uma multiplicidade de olhares sobre ele, implica dotá-lo de tantos sentidos que ele pode vir a ser muito mais do que aparenta. Porém, quando um conto é narrado, ele assume outras feições para cada um dos ouvintes que entrarem em contato com ele. Ele passa a ser tantos quantos forem os ouvidos a recebê-lo, e sua intenção primeira será transformada a partir da história pessoal do ouvinte. A intenção, o que quer dizer com um conto, é mais que intelectualizar o que está sendo dito pelo texto e pelo subtexto. Implica, também, aquilo que eu sinto enquanto narrador ao ser tocado pelo conto. E isso pode fazer diferença numa contação de histórias (BUSATTO, 2007, p. 74-75).

 Em uma história, nem todos imaginam de forma igual, “ela será construída pela imaginação de cada ouvinte, logo, será única” (BUSATTO, 2012, p.18). As características dos personagens, do cenário podem ser totalmente diferentes na imaginação de uma pessoa para outra. “Um conto nunca vai provocar o mesmo efeito nas diversas pessoas que o ouvem. É a história de vida de cada um que determinará com que cores e com que música ele vai soar” (BUSATTO, 2012, p.18).

 Partindo destas premissas, Busatto (2007) ainda aborda que a contação de histórias é uma via de mão tripla conduzida pelas intenções: o que o conto quer dizer; o que o contador quer dizer narrando o conto; e o que o ouvinte quer dizer a si mesmo ao ouvir o conto. “Narrado, narrador e ouvinte, três momentos de um mesmo jogo de encantamento e prazer” (p.76). Ainda,

Ouvir histórias atiça algo que foi esquecido pela urgência da modernidade, por não ser mais experiência, e do qual se foi separado, talvez sem saber, e lançado nas brumas do tempo com venda nos olhos, [...] essa atitude de quietude interna, silêncio interior, de se deixar levar pelo embalo dos contos pode proporcionar um contato com o vazio que tudo contém, com o silêncio que traz significações. Pode-se chamar isso de êxtase, tão, self. Seja qual for o nome que se atribui a essa vivência, o que faz sentido é que ela conduz ao centro e proporciona, mesmo que seja por segundos, a certeza que se faz parte de algo muito maior que a realidade visível. Proporciona um alento para o espirito e uma confortável sensação de estar bem, feliz e em paz. É algo que só é possível sentir, nunca de descrever (BUSATTO, 2007, p.80).

 Para a autora, as histórias existem para serem contadas, ouvidas e para conservar o acesso ao enredo da humanidade. De fato, os contos de fadas vão além do entretenimento, pois enriquecem as experiências de vida, estimulam a imaginação e ajudam a criança a desenvolver seu intelecto. Desta maneira também consegue compreender as próprias emoções e dificuldades, levando assim a reconhecer que existem solução para seus problemas. A contação de histórias oferece um suporte exemplificado para a criança conseguir assimilar e compreender valores que são muito complexos para seu entendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a mídia e as tecnologias estão em alta, sendo que as crianças estão cada vez mais fascinadas e viciadas nesse mundo pronto. Dessa forma, percebe-se que é preciso utilizar métodos que as tragam para o mundo da imaginação, para que possam brincar e fantasiar a magia de ser criança.

Através dos estudos realizados, compreende-se que a literatura infantil, como metodologia, pode auxiliar as crianças a se desenvolverem cognitivamente e emocionalmente, além de estimular a imaginação, a leitura e a escrita.
 Para que as crianças ainda não alfabetizadas tenham contato com a literatura infantil, é necessário que haja uma intervenção de um leitor, contando a história, estimulando-a a ler. Esse leitor pode ser o próprio professor, utilizando como ferramenta em sala de aula, buscando deixar suas aulas mais dinâmicas e divertidas. Pois, o professor é mais do que aquele que transmite conteúdos e informações. É aquele que faz parte do desenvolvimento do educando, incentivando-o, a saber, lidar com suas emoções e sentimentos.
 Os contos de fadas podem auxiliar esses educandos, porque tratam de assuntos que muitas vezes, são os conflitos da própria criança, como aceitação pessoal, sentimento de inferioridade, rivalidade, dando-lhe esperança e mostrando que não é só ela que está enfrentando esses conflitos.
Quanto mais a criança realizar leituras, mais ela vai escrever, sendo que um precisa do outro para ser estimulado, como uma das participantes destacou, precisa-se da leitura para tudo. Da mesma forma, a escrita também é importante. O professor que possui o poder de ensinar, de inspirar, estimular e propor ideias possui a varinha mágica nas mãos, agora ele só precisa saber utiliza-la com sabedoria, imaginação e muita fantasia para que a magia de educar as crianças para gostarem de ler e de escrever seja concretizada.

**REFERÊNCIAS**

AGUIAR, Vera Teixeira de et al**. Era uma vez... na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.

BETTELHEIM, Bruno**. A psicanálise dos contos de fadas**. 27 ed. São Paulo, SP: Paz e Terra LTDA, 2012.

BEDRAN, Bia**. A arte de cantar e contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: Pequenos segredos da narrativa. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BUSATTO, Cléo**. A arte de contar histórias no século XXI.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura infantil**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo, SP: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/juventi**: Das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. Barueri, SP: Amarilys, 2010.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã**: Psicanálise nas Histórias Infantis. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**: Teoria & Prática. São Paulo, S.P.: Ática, 1991.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: teoria e prática. 6 ed. São Paulo: Ática, 1987

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo, SP: Pioneira, 1984.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3 ed. São Paulo: Summus; Brasília: INL, 1979.

MICHAELIS. **Dicionário prático da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

PEREZ, Luana Castro Alves. **HISTÓRIA OU ESTÓRIA?**. Internet, [2019]. Disponível em: https://escolakids.uol.com.br/portugues/historia-ou-estoria.htm. Acesso em: 31 maio 2019.

1. Acadêmica do curso de Pedagogia. francithome@hotmail.com
² Doutoranda de Letras pela UPF. carletethome@gmail.com
³ Professora do curso de Pedagogia – UCEFF deise.stein@seifai.edu.br
⁴ Professor do curso de Pedagogia – UCEFF jair@seifaiedu.br [↑](#footnote-ref-1)
2. A palavra *estória* é considerada um tipo de arcaísmo, aquelas palavras que, por serem muito antigas, quase não usamos mais. Ela era utilizada quando ainda não havia uma grafia uniformizada para as nossas palavras, mas, em 1943, com a vigência do nosso sistema gráfico, a Academia Brasileira de Letras entendeu que não deveria mais haver diferenças entre história e estória e que a palavra história deveria ser empregada em qualquer situação, seja para nomear narrativas ficcionais ou reais (PEREZ, 2019). [↑](#footnote-ref-2)